

Desafios que o movimento feminista e a teologia feminista lançam à sociedade e às Igrejas.*

Ivone Gebara

Entre os diferentes movimentos organizados para modificar o "status quo" vigente, situo o movimento feminista, ainda incipiente na América Latina e especialmente no Brasil.

Vivemos num período histórico extremamente complicado e conturbado. A sede de autonomia, participação, respeito, justiça manifestada nas diferentes lutas libertárias de indígenas, negros, trabalhadoras(es) do campo e da cidade manifesta a insatisfação generalizada em relação à "desorganização" social institucionalizada em que vivemos.

O movimento feminista participa desse mal-estar provocado pela enfermidade social de nosso mundo. Também as mulheres começam a perceber o quanto sua situação atual de "oprimida / opressora" precisa entrar num processo revolucionário mais amplo, capaz de criar "um novo homem e uma nova mulher" num mundo de novos relacionamentos.

Minha perspectiva na presente reflexão é de alargar a proposta feminista para além dos problemas da mulher, embora seja ela seu ponto inicial.

Três momentos intimamente interligados conduzirão o diálogo a que me proponho:

1º) Perceberemos o sentido da interpelação do movimento das mulheres na América Latina.

2º) Perceberemos as reações ou oposições ao movimento de mulheres e à teologia feminista.

3º) Uma rápida conclusão.

* Palestra proferida na Escola Superior de Teologia da IECLB, São Leopoldo, em 03-06-1987.

1º) Sentido da interpelação do movimento das mulheres na América Latina.

A questão da mulher hoje é uma questão de toda a humanidade. Tal afirmação poderia parecer extremamente pretensiosa se não procurarmos entendê-la no seu sentido exato. Poderia parecer uma redução de todos os grandes problemas vividos pela humanidade hoje a um único problema. Entretanto, não é esta pretensão que me anima. Ao contrário, é uma percepção profunda de que, a partir do acordar da consciência histórica das mulheres, está se operando uma mudança qualitativa na humanidade, mudança que nos sugere uma nova antropologia presidiendo as relações humanas.

A sociedade patriarcal, cujas raízes dificilmente conseguiremos detectar produziu sua antropologia, seu modelo de homem e mulher e a partir dele, de certa forma, organizou a sociedade. Vivemos ainda nesse modelo de características hierárquicas, idealistas e excludentes. Não que ele se defina a partir dessas características, mas são elas que aparecem à primeira vista quando tentamos compreender o homem e a mulher produzidos por nossa atual cultura. O modelo antropológico patriarcal se desdobrou na história do ocidente em muitas formas e foi o responsável pela "produção" de uma série de comportamentos ideológicos que justificaram múltiplas explorações desde o colonialismo, o racismo e a dominação na relação homem e mulher.

A "revolução" de caráter quase mundial que está se operando hoje em nossa história, em especial por causa do acordar da consciência da mulher, está exigindo uma reorganização do mundo, uma nova partilha de tarefas, um novo sistema de divisão do trabalho, uma participação mais equitativa nas grandes decisões políticas, um equilíbrio da presença masculina e feminina nos diferentes ambientes e setores da vida humana para superar as hipertrofias palpáveis e os estereótipos de um e de outro lado, que acentuam ainda mais a enfermidade de nossa sociedade.

A organização das mulheres tem sido uma constante nos diferentes meios sociais. Entretanto, não é qualquer organização de mulheres que tem o objetivo de ultrapassar as fronteiras reivindicatórias embora estas sejam um passo importante e talvez primeiro nos diferentes tipos de organização. Ultrapassar as fronteiras reivindicatórias significa tocar no problema antropológico maior, isto é, não se limitar a conseguir lugares semelhantes ou iguais ao do homem, mas buscar uma reorganização da sociedade no seu conjunto.

Observando os diferentes movimentos, sobretudo os de cunho mais popular, constata-se que, cada vez mais, a mulher tem percebido o alcance de sua influência a nível doméstico e, apesar do valor desse nível da existência, ele pode aprisioná-la e impedi-la de ter uma participação efetiva numa caminhada mais ampla. Pode também aprisionar o homem a um estereótipo querido pela sociedade patriarcal e impedi-lo de viver uma dimensão humana mais plena. Esta divisão mais ou menos rígida de papéis destina um à “vastidão” do mundo e a outra às fronteiras da casa. É como se a organização da sociedade tal qual é hoje fosse uma espécie de “destino”, uma lei da natureza e não uma produção cultural humana. A nova antropologia que se quer é profundamente histórica no sentido de levar a sério as produções históricas como produções humanas e conseqüentemente possíveis de serem mudadas. Eis o desafio que se delineia, desafio que se anuncia como o raiar de um novo dia enquanto as sombras da noite são ainda muito espessas. Esse mesmo desafio é colocado às igrejas cristãs que não integraram a produção e ação teológica das mulheres como contribuição igualmente criativa e criadora. Também na Igreja a mulher reproduz a mesma domesticidade que caracteriza sua ação. Cabe a ela a tarefa da catequese, da iniciação infantil à fé, mas nada tem a dizer no nível das grandes orientações e decisões das Igrejas.

A teologia feminista assume como sua essa perspectiva antropológica mais ampla e, à luz dessa antropologia e das conquistas da humanidade hoje nos diferentes setores da atividade humana, propõe a revisão das imagens patriarcais de Deus, a releitura da Escritura na tentativa de recuperar a “memória subversiva” das mulheres do passado e conseqüentemente a reabilitação da mulher como lugar da manifestação do divino tanto quanto o homem. Tais afirmações não podem apenas serem aceitas teoricamente ou como princípios igualitários em si mesmos. Devem na realidade fazer parte das relações humanas nos diferentes níveis pois são elementos constitutivos de nosso ser histórico. Assumi-las significa vivê-las na história e não apenas discursar sobre elas como fazem os teóricos libertários.

2º) Reações ou oposições ao movimento de mulheres e à teologia feminista.

O movimento feminista tem encontrado adeptas (os) e opositoras (es). Constatar essas oposições ou resistências nos parece importante para caminharmos adiante percebendo os conflitos e os bloqueios que se manifestam em nossa história.

a) Oposição da cultura ou da formação social latino-americana

A cultura patriarcal, como o sabemos, permitiu a introjeção de uma divisão de comportamentos assim como da divisão do trabalho. Há coisas e comportamentos próprios do homem e outros próprios da mulher. Em certos aspectos essa introjeção é a tal ponto profunda que se torna uma espécie de natureza. Não se percebe o comportamento X ou Y como produtos de uma cultura, como formações nascidas de hábitos situados e datados, mas como NATUREZA e esta não se muda ou, ao mudá-la, comete-se uma violação grave a um interdito. Tal violação pode condenar a pessoa e acaba por marginalizá-la.

É bom lembrar que os meios de comunicação muitas vezes ajudam a fixar certos comportamentos e agem como força de resistência a certas mudanças, sobretudo porque em geral estão a serviço dos "valores" do status quo estabelecido.

O capitalismo mundial e o latino-americano "permitiu" o nascimento do movimento feminista. Abertamente ele não o apóia e nem o destrói, pois tudo depende do interesse do capital, do lucro. O lucro é a mediação e finalidade última de nossa sociedade.

Em linhas gerais podemos dizer que há uma oposição ou resistência da cultura vigente na medida em que o movimento feminista propõe a mudança de hábitos milenares adquiridos, hábitos que foram se adaptando às diferentes transformações do modelo econômico e social.

O movimento feminista não pretende apenas a mudança de certos hábitos ou apenas a penetração da mulher no mundo do trabalho produtivo em sentido estrito. Mesmo estando presente nesses diferentes lugares, a sociedade, a relação homem/mulher podem não ser modificadas ou ainda transformadas por dentro.

A proposta do movimento feminista é mais ampla, como vimos anteriormente. Por isso, a resistência a ele é bastante grande.

b) A oposição dos homens

Na realidade a maioria dos homens, mesmo os simpatizantes do movimento feminista, salvo raras exceções, não percebem o projeto maior que é perseguido. Tal dificuldade de percepção se deve a diferentes fatores:

— o projeto maior feminista não é muito claro para a maioria das mulheres, e, com mais forte razão, para os homens que se vêem ameaçados pela "novidade" criada pelas mulheres.

— há uma espécie de bloqueio psicológico nos homens diante da simples idéia de não reconhecerem mais suas mulheres, filhas, irmãs, mães com a imagem tradicional de submissão que lhes foi sempre familiar.

— há também uma insegurança crescente diante do futuro, pois não conseguem perceber as conseqüências da emancipação da mulher nos diferentes setores da vida familiar e social.

É nesse sentido que não se deve limitar o movimento feminista a uma mudança só do 2º sexo, mas situá-lo num projeto mais amplo de sociedade e de mudança de relacionamento entre homem e mulher em todos os níveis.

O movimento feminista é um movimento também de desalienação do homem, de libertação de certos estereótipos e condicionamentos que a sociedade, a família e particularmente a mãe lhes impuseram. Entretanto, a percepção de uma desalienação pessoal ainda está longe de chegar até a maioria dos homens. Sem dúvida, há uma dificuldade de admitirmos nossas próprias alienações. Por isso, os homens ficam no acidental, na superfície da problemática feminista e resistem interiormente, embora alguns manifestem uma certa abertura exterior temendo serem chamados de retrógados.

O homem se depara com a luta fora do lar e esta é marcada pela competição, inveja, insegurança, conflito, racionalismo frio, mentira. Em casa, ele deseja compensar este mundo desafiante e instável exigindo que a mulher seja a garantia de um mundo de segurança: o lar. Para ele, a verdadeira mulher é a que lhe garante um "útero aquecido" longe das dificuldades cotidianas. Por isso, ela se torna a "mulher forte" na medida em que obedece a esses padrões e "fraca" porque o homem tem que protegê-la para conservá-la nesse mundo e conservar esse mundo para si próprio. É isso que se convencionou chamar de "marionismo", o duplo comportamento da mulher para satisfazer as exigências de "harmonia" no lar e na sociedade.

Os homens das Igrejas em geral são os que mais resistem às reivindicações das mulheres no interior da estrutura eclesiástica. Sentem-se ameaçados com as propostas de partilha de responsabilidade nas decisões, ou, em outros termos, pela ascensão do poder das mulheres devido à sua crescente influência nas diferentes comunidades cristãs.

Em geral, os homens de Igreja são muito sensíveis às reivindicações sociais no mundo das fábricas, do campo, do comércio, de grupos minoritários perseguidos, mas não no interior da própria Igreja, sobretudo

do quando se trata de mulheres. As igrejas inconscientemente se julgam perfeitas e não abrem espaços para reivindicações sérias. Muitas vezes, para conservar uma fachada de abertura aos sinais do mundo moderno, cedem para uma ou outra reivindicação sem assumirem de fato aquilo que foi reivindicado.

O "poder sagrado" dos homens nas instituições da religião começa a ser questionado e isto gera muita insegurança. As mulheres não obedecem mais: "tiraram o véu", não cobrem mais a cabeça e começam a falar nas assembléias...

c) A oposição das mulheres

Como sabemos, nas classes populares, o movimento feminista se organiza sobretudo em torno de reivindicações sociais em prol da vida da comunidade: lutas pela água, energia elétrica, creches, moradias, postos de saúde, etc. Muitas vezes as mulheres pobres vivem num tal estado de "agressão" em todos os sentidos e níveis, que se sentem bloqueadas a ir além da organização que satisfaça uma necessidade vital imediata. Daí que, para além dos condicionamentos próprios à cultura, particularmente no meio rural, não se pode falar que estas mulheres façam uma verdadeira oposição ao movimento feminista, pois este, além de ser incipiente para elas, não tem condições sociais de se desenvolver em outros níveis de consciência.

Na classe média e alta o problema da resistência ao movimento feminista muda de figura. Muitas mulheres dessas classes não querem perder o "privilégio" de seu lugar social e ainda o privilégio de serem "bonecas" de luxo, rainhas do lar, mães/mártires. Estes comportamentos lhes dão identidade e segurança. Criticam o movimento feminista como se fosse a negação de uma ordem estabelecida por Deus, como alguma coisa desordenada que lhes tira o troféu do martírio de ser mãe e esposa dedicada ao lar e à família.

Em geral, essas mulheres consideram sua condição como uma espécie de segunda natureza inerente à realidade humana. Por isso, se deve resistir a qualquer tentativa de mudança. A ordem deve ser mantida, a tradição resguardada e a mulher é a coluna mestra que sustenta esses valores "imutáveis"...

d) A oposição das Igrejas

As igrejas cristãs participam das mesmas dificuldades elencadas anteriormente, acrescido o fato de se tratar de tocar em instituições detentoras de um poder chamado "sagrado".

Tal poder faz com que a resistência à mudança seja maior, pois argumentam que este “vem de Deus”. Inconscientemente, talvez os homens da instituição religiosa sentem-se mais próximos da divindade projetada como masculina pela cultura patriarcal. Por isso, dificultam qualquer reflexão que possa questionar suas imagens teológicas e temem qualquer partilha efetiva do poder sagrado.

Submetem as mulheres e estas se submetem, muitas vezes com prazer, à mesma domesticidade vivida no lar. A tarefa da mulher nas igrejas é em certo sentido o prolongamento do lar. Não entram nos cargos de chefia ou direção. Não são bispos, nem reitoras de seminário.

As Igrejas resistem também às propostas de elaboração teológica das mulheres na medida em que fogem dos padrões convencionais, considerados “verdadeira” teologia e teologia científica.

A meu ver, essa resistência à produção teológica das mulheres é devida principalmente a três fatores:

a) os homens têm dificuldades de sair do esquema idealista a que estão habituados. A teologia é uma espécie de repetição de idéias pré-estabelecidas que existem por si mesmas;

b) acreditam que a teologia é sagrada e nesse sentido marcada pela imutabilidade. Esquecem-se que ela é produção humana como qualquer outro conhecimento e que, não só é condicionada a uma série de fatores, mas evolui no espaço e no tempo. Confundem o sagrado com o jeito masculino de fazer teologia. É este jeito que é sacralizado...

c) porque a elaboração teológica feminista os obrigaria a repensar sua teologia e ao fazer isso tocaria na questão do poder e da atual organização das igrejas.

3º) Conclusão

A título de conclusão gostaria de lembrar que a teologia feminista é profundamente Teologia da Libertação, pois não só parte dos oprimidos e da mulher oprimida da América Latina, mas propõe uma nova maneira de fazer teologia como expressão da vivência e compreensão diferentes da relação entre os seres humanos e Deus, relação que é novidade e sinal do Reino em nossa história de hoje.

A teologia feminista, embora incipiente na América Latina, pode dirigir uma interpelação especialmente às mulheres teólogas ou interessadas em teologia em cinco pontos que merecem ser refletidos com vagar e completados.

1. Atenção crítica ao que se passa na sociedade latino-americana, especialmente nas organizações populares e nas decisões do poder estabelecido.

2. Seriedade nas análises. Não se deixar levar pelas primeiras impressões, mas "cobrar" entre si uma reflexão fundada na história e na vivência atual latino-americana.

3. Permitir a crítica e fazer periodicamente a auto-crítica das ações e reflexões. Não tomar o homem como "inimigo" e sim como um destinatário importante da teologia em vista da transformação da sociedade, onde de fato todos possam ter VIDA.

4. Fazer uma releitura bíblica a partir de uma hermenêutica feminista que restaure a verdade da história, restaurando a memória "subversiva" de milhares de mulheres que entregaram apaixonadamente suas vidas pelo povo, servindo o Reino de Deus. Esta hermenêutica precisa ainda ser bastante "afinada" a nível de América Latina.

5. Ousar entrar no campo da elaboração teológica com criatividade, sem medo de dizer sua palavra sobre Deus e sobre o mundo. Nesse particular, considerar também a importância da teologia nas lutas populares e conseqüentemente a dimensão política da teologia e particularmente da teologia feminista. Todas as reformas, mudanças e revoluções na sociedade são interdependentes. Daí porque a hermenêutica feminista e a teologia feminista são, não apenas um empreendimento religioso, mas um empreendimento político de fundamental importância.

Acreditemos nas possibilidades de construção de um mundo diferente no qual alguns de nossos sonhos de amor à humanidade possam de fato se concretizar.

BIBLIOGRAFIA

- BALMARY, Marie. **Le Sacrifice Interdit**. Bernard Grasset, Paris, 1986.
- CRISTIANE, Oliver. **Os filhos de Jocasta**. (Trad. do francês). LPM, 1986.
- CHALIER, Catherine. **Les Matriarches**. Ed. du Cerf., Paris, 1985.
- FABRIS, R./GOZZINI, V. **A mulher na Igreja Primitiva**. Paulinas, São Paulo, 1986.
- FIORENZA, E. **In Memory of her — A feminist theological reconstruction of Christian origins**. Crossroad Publishing, New York, 1983.
- _____. **Para mulheres em mundos masculinos**. Revista Concilium, n. 151/1984.

- _____ **Bread not Stone — The challenge of feminist biblical interpretation.** Blacon Press, Boston, 1984.
- MOLTMANN, Elisabeth. **Dieu, homme et femme.** Ed. du Cerf., Paris, 1984.
- MOLONEY, Francis. **Woman, First among the Faithful.** Ed. Daiton, Londres, 1984.
- MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da mulher brasileira.** Vozes, Petrópolis, 1983.
- PERNOUD, Regine. **La femme au temps des Cathédrales.** Stock, 1980.
- RUETHER, Rosemary. **Mujer Nueva, Tierra Nueva.** Ed. Megalópolis, Buenos Aires, 1977.
- _____ **A natureza feminina de Deus.** Revista Concilium, n. 163/1981.
- SÖLLE, Dorothee. **Pai, Poder, Barbárie.** Revista Concilium, n. 163/1981.
- STEVENS, Evelyn. **"Marionism": The other face of machismo in Latin America.** Pittsburg Press, USA, 1973.
- Vários. **A mulher na história da Igreja na América Latina.** Ed. Paulinas, São Paulo, 1985.
- Vários. **El rostro femenino de la teología.** Ed. Al Dei, San Jose (Costa Rica), 1986.